

MARCAS DE OLEIROS ALGARVIOS DO PERÍODO ROMANO

Maria Luísa Veiga Silva Pereira

Entre as colecções algarvias da Secção Romana do Museu Nacional de Arqueologia de que nos temos especialmente ocupado para a elaboração do respectivo inventário de estações, tem-nos chamado a atenção a particular incidência em diversas estações algarvias de um número limitado mas constante de idênticas assinaturas de oleiro da época romana e que inscreveram os seus nomes em materiais de construção e em ânforas.

I. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Estes materiais são quase todos fruto de escavações de Estácio da Veiga (1877-1878)¹, que há precisamente um século, data a assinalar, percorreu a província do Algarve, de oriente a ocidente, em comissão oficial, para, através de escavações, prospecções, compras, registos, fotografias, desenhos e plantas, poder, dentro do mais rigoroso critério científico da época, levantar com exactidão a primeira Carta Arqueológica do Algarve e do País, publicada em 1878. Fizeram parte do efémero Museu Archeologico do Algarve, fundado pelo mesmo arqueólogo em 1880 na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa². Após a sua extinção transitaram para o Museu Etnográfico Português, depois Etnológico, antigas designações deste Museu.

II. AS INSCRIÇÕES

As inscrições destes materiais, assinaturas de oleiro, foram quase todas publicadas por Hübner no vol. II do CIL, «Inscriptionum Hispaniae Latinarum Supplementum», há também perto de um século. São portanto conhecidas de todos os investigadores destas matérias.

Recordemos no entanto que Hübner baseou as suas leituras, em grande parte, em elementos enviados por investigadores estrangeiros.

Apesar de ter viajado até à Península Ibérica³ em 1861 para estudar as inscrições latinas de Portugal e Espanha, e nessa ocasião percorrido Portugal em várias direcções, visitado colecções particulares, bibliotecas, arquivos e contactado com homens

¹ Estácio da Veiga, *Catalogo dos monumentos e objectos de arte antiga descobertos e obtidos no reconhecimento das antiguidades do distrito de Faro, feito desde março de 1877 até Outubro de 1878, para o levantamento da Carta Archeologica do Algarve, em virtude da portaria de 15 de Janeiro de 1877*, pequeno livro manuscrito dado a conhecer e em parte publicado por J. Saavedra Machado, «Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da Arqueologia do Algarve», in *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, vol. I, Lisboa, 1969.

² *Inventario do Museu Archeologico do Algarve e suas pertenças incluindo as collecções depositadas pelo seu fundador Sebastião Martins Philippes Estacio da Veiga, em 15 de Março de 1883*. Manuscrito na posse da autora destas linhas e parcialmente publicado em *Arqueologia Romana do Algarve*, 2 vols., Lisboa, 1971-1972.

³ Emilio Hübner, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, vol. II, Berlim, 1869, Praefatio XXV e XXVI; E. Hübner, *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa, 1871, notas de Augusto Soromenho

proeminentes como Alexandre Herculano, Augusto Soromenho, Manuel da Gama Xaro, Eduardo Allen, etc., pessoalmente escassos elementos recolheu, porque nessa época poucas ou nenhuma escavações se faziam⁴ e praticamente não existiam museus de «antiguidades».

À medida que a ciência arqueológica avançou entre nós e se iniciaram trabalhos de campo com carácter científico (Martins Sarmento e Estácio da Veiga), inúmeros materiais foram surgindo e não havendo a facilidade dos tempos modernos em deslocações, embora Hübner tivesse voltado a Portugal em 1881⁵ com o fim principal de colher novos materiais para a redacção do Suplemento do vol. II do «Corpus», recorreu sobretudo à correspondência que mantinha com os arqueólogos locais, aproveitando para os seus estudos epigráficos os dados que estes lhe forneciam, a fim de poder erguer a monumental obra do «Corpus» com o menor número de lacunas.

Foi dessa forma que elaborou o Supplementum do vol. II, nomeadamente a «Pars Prima», Lusitania, relativa às inscrições latinas, e o capítulo «Instrumentum Domesticum» na parte respeitante a Portugal utilizando as inscrições e elementos que recebia por correspondência de Soromenho, Estácio da Veiga, Martins Sarmento, Rafael da Paz Furtado, Gabriel Pereira, Eduardo Allen (Museu do Porto), Joaquim de Vasconcelos e Borges de Figueiredo.

Com Estácio da Veiga a correspondência foi particularmente intensa⁶. Pode dizer-se que de todas as inscrições e diversos materiais arqueológicos com marcas, recolhidos por Estácio da Veiga nas escavações de 1877-1878 foram enviados moldes a Hübner.

Essa convivência científica é referida pelo próprio Hübner no vol. II do Supplementum, na «Pars Prima», Lusitania, Conventus Pacencis. Antes de entrar na descrição de Ossónoba, faz um extenso prólogo sobre a parte sul de Portugal, dissertando profusamente sobre a actividade arqueológica de Estácio da Veiga, a fundação do Museu Archeologico do Algarve, do Instituto, etc. e das suas publicações.

É constante ler-se no fim das inscrições do Algarve «Descripsi; ex ectypo Veigae» ou «Descripsi; ectypum misit Veiga».

Encontram-se a cada passo curiosos exemplos deste intercâmbio científico. A propósito da inscrição n.º 5144 de Faro, lê-se no final: «Veiga mihi misit a se descriptum in epistula scripta a 1833 m. Ianuario» ...No n.º 5161 «Descripsi et ectypum sumpsit: A. C. Borges de Figueiredo misit imaginem photographam»⁷.

Apesar da sua experiência de epigrafista consumado e de duvidar e corrigir leituras ou moldes que lhe enviavam, era inevitável que este processo de obtenção de elementos incorresse em erros, aliás alguns já verificados e corrigidos.

Nesta perspectiva a Dr.ª Françoise Mayet, da Universidade de Bordéus, retomou recentemente a leitura crítica de algumas marcas de oleiro algarvias, procedentes de ânforas do Museu, para, em função de novos moldes e do exame directo das peças, corrigir ou confirmar as leituras clássicas do «Corpus».

Esta importante tarefa de revisão integra-se num trabalho mais amplo, a revisão geral das marcas de oleiro da Península Ibérica.

⁴ Apenas a Comissão Geológica criada em 1857 fazia trabalhos de campo relativos à paleoetnologia e antropologia, no âmbito quase exclusivo dos seus trabalhos de geologia.

⁵ Hübner voltou a Portugal em 1881. Leite Vasconcelos, «Emilio Hübner e a Archeologia lusitano-romana», in *O Archeologo Português*, vol. VI, pp. 45-55.

⁶ Sabemos que existiam duas séries de correspondência entre Hübner e Estácio da Veiga, que com os papéis deste último foram ter ao Museu Nacional de Arqueologia. Debalde as procurámos quando arrumámos e organizámos de forma provisória o Arquivo deste Museu.

⁷ CIL II, Suppl. p. 786.

Das suas notas manuscritas relativas a este trabalho de investigação realizado em 18 de Outubro de 1976, amavelmente oferecidas ao Museu, nos utilizamos quando necessário com a respectiva citação.

III. OS MATERIAIS

Os materiais romanos do Algarve em que estão inscritos nomes de fabricantes são materiais de construção, tégulas, e ânforas.

Enquanto as ânforas, materiais de reconhecida importância, têm sido intensamente estudadas e classificadas a partir dos estudos clássicos de Dressel até à actualidade, sendo estabelecidas numerosas tipologias, o mesmo se não pode afirmar das tégulas, materiais «pobres» relativamente desprezados, que não tem até agora atraído a atenção dos investigadores para estudos especiais.

A sua estandardização e uma aparente constância de fabrico apenas com variantes locais, verificada ao longo de pelo menos cinco séculos, pode explicar o desinteresse em relação a estes materiais, quanto à definição de tipos, particularidades regionais, etc., interessando especialmente o estudo das marcas de oleiro.

O «Corpus» publicou marcas de oleiro de tégulas, em todos os seus volumes, mas limitou-se ao estudo e interpretação epigráfica das mesmas.

No entanto a importância da tégula é grande. Indica o local de um edifício público ou particular, e se está marcada com assinatura de oleiro ou é portadora de outras indicações pode ser datável e fornecer elementos para a cronologia geral da estação em que se insere.

As investigações mais aprofundadas sobre tégulas surgiram na Alemanha no séc. XIX com o interesse pelas tégulas «legionárias». Estes estudos prosseguem no séc. XX com as investigações, entre outras, de Keune, acerca das tégulas da XXII legião romana do «limes» renano, referidas por Kolling. Os seus próprios estudos vêm alargar consideravelmente os conhecimentos sobre estes materiais.

Em um recente trabalho sobre telhas romanas define fabricos particulares e oficiais (a tégula «legionária» é de maiores dimensões que a «civil»), indica marcas de oleiro, tipos de carimbo, nomes de pessoas e de lugares, e estabelece a sua difusão e as vias do seu comércio interno, a partir do estudo de grande quantidade de telhas encontradas junto ao rio Mosel e ao longo do Reno, necessárias à construção dos acampamentos romanos da linha fronteiriça renana do Império⁸.

Em França, Chauffin⁹ realizou um estudo morfológico muito completo sobre uma infinidade de telhas do Bas-Dauphiné, encontradas em estratigrafia, atendendo à pasta, dimensões, encaixes, processos de fixação, etc., em que estabelece uma cronologia tipológica com 56 formas de rebordo, baseado na variação da altura dos mesmos consoante as diversas épocas.

Segundo este autor quanto mais elevado for o rebordo mais antiga é a tégula. Por outro lado, verifica também que a uma altura-tipo de uma série corresponde uma maioria de perfis apresentando significativas analogias. Assim define quatro grandes tipos cronológicos de rebordo, *boa época*, grande rebordo, acima de 57 mm até 70 mm de altura, associado a cerâmica de boa época (séc. III d.C.), *transição*, rebordo entre 50 e 57 mm de altura, misturado com alturas de boa época (meio do séc. III d.C.), *decadência*, pequenos rebordos situados abaixo de 50 mm de altura (séc. III-V) e *alta Idade Média*, correspondendo às formas 54, 55, 56 e 52 de baixos rebordos.

⁸ Alfons Kolling, «Zur verbreitung Gestempelter Romischer Ziegel und der Saar», in *Archeologisches Korrespondenzblatt*, 4, 1974, pp. 81-87.

⁹ Jean Chauffin, «Les Tuilles Gallo-Romaines du Bas-Dauphiné», in *Gallia*, tome XIV, Paris, 1956, pp. 81-82.

Em Portugal foi também ensaiada uma cronologia tipológica de tégulas encontradas na Beira Alta, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo ¹⁰. Foi a primeira vez que tal se fez e tem muito interesse por chamar a atenção para a importância e consequente estudo destes materiais.

Não aplicamos a cronologia tipológica proposta por aquele autor francês, por nos parecer de aplicação regional, válida para a área e condições em que foram encontradas as tégulas. O número restrito das tégulas por nós referenciadas e as condições em que foram recolhidas há um século não permitem qualquer tipo de generalização.

Depois destas considerações destinadas a definir a situação destes materiais no panorama arqueológico vamos iniciar a sua descrição, utilizando um critério geográfico.

TÉGULAS

Portimões (Portimão)

Local na margem direita do rio Portimão onde se situaram os tanques de salga descritos por Estácio da Veiga na planta n.º 11.

N.º inv. 15265 A.

Fragmento de tégula, pasta ocre rosada, grosseira, com muitas falhas, engobe ocre esbranquiçado.

Marca impressa em cartela «planta pedis» pé direito, com letras muito apagadas: ...ARAHLI. Letras incisas.

No reverso grafito (fig. 1).

Dimensões: comprimento actual: 0,285 m; largura actual: 0,285 m; largura actual: 0,19 m; espessura: 0,03 m.

Cf. CIL II Suppl., 62527 PARDALI, «tegulae complures eodem inscriptae sigillo, quod planta pedis insculptum est».

A. SANTOS, *Arqueologia R. do Algarve*, I p. 131 PARDALI (CIL II Suppl. 6252, 7).

Portimões

N.º inv. 15265 B

Fragmento de tégula, pasta ocre rosada, engobe ocre esbranquiçado com grosso rebordo, tendo restos de argamassa aderentes. Dois sulcos distanciados paralelos ao rebordo e um sinal circular. No reverso tem encaixe rectangular.

¹⁰ Manuel Maria da Fonseca Andrade Maia, *Subsídios para o estudo da Carta Arqueológica do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo*, dissertação de licenciatura, Lisboa, 1971, I vol., pp. 185-188.

Marca impressa «in planta pedis», pé direito; há dificuldade em ler a assinatura: PARDALI. Letras incisas pouco profundas (fig. 2, e 14).

Dimensões: comprimento actual: 0,33 m; largura actual: 0,30 m; espessura: 0,30 m; altura do rebordo: 0,065 m; comprimento do encaixe: 0,095 m.

Cf. Ibidem.

Portimões

N.º inv. 15265 C.

Fragmento de tégula, pasta amarela ocre, engobe ocre, dois pequenos sulcos digitais, rebordo pouco saliente. No reverso apresenta uma reentrância rectangular para encaixe e dois pequenos orifícios circulares.

Marca impressa em cartela «planta pedis», pé direito. Inscrição pouco legível: PARALLI. Letras incisas muito apagadas (fig. 3 e 14).

Dimensões: comprimento actual: 0,3 m; largura actual: 0,285 m; espessura: 0,029 m; altura do rebordo: 0,05 m; comprimento do encaixe: 0,095 m.

Cf. Ibidem.

Portimões

N.º inv. 15265 D.

Fragmento de tégula (?), pasta amarela ocre, com muitas impurezas, engobe ocre. Sinal circular próximo da marca. Reverso: estrias de aderência.

Marca impressa em cartela «planta pedis», pé direito. Inscrição em caracteres muito sumidos: PAR.ALI. Parece que existe um D entre o R e o A sendo admissível a leitura PARDALI. Letras incisas (figs. 4 e 14).

Dimensões: comprimento actual: 0,245 m; largura actual: 0,26 m; espessura: 0,025 m.

Cf. Ibidem.

Portimões

N.º inv. 15222.

Pequeno fragmento irregular de tégula, pasta ocre rosada, engobe branco. Marca de oleiro fragmentada. Marca impressa in «planta pedis» onde se lê com nitidez a inscrição truncada: PARHA...

Letras incisas muito profundas (figs. 5 e 15).

Reverso: notam-se estrias de aderência.

Dimensões: comprimento actual: 0,065 m; largura actual: 0,025 m; espessura: 0,026 m.

Cf. Ibidem.

Portimões

N.º inv. 15266 B.

Fragmento de tégula, pasta ocre, engobe branco sujo. Paralelamente à zona sem rebordo apresenta uma canelura ou sulco digital. É visível outra na extremidade aguçada do fragmento. Uma observação mais atenta revela duas estrias e um sulco, que parece também digital. Reverso: estrias de aderência e um sulco vertical.

Marca impressa em cartela rectangular com ligeira curvatura. Caracteres pouco legíveis — AEMHEL — H e E em nexa. Leitura provável: AEMHEL. Letras em relevo (figs. 6 e 15).

Dimensões: comprimento actual: 0,281 m; largura actual: 0,271 m; espessura: 0,03 m.

Cf. CIL II Suppl. 6256,4 AEMILI; CALLENDER, n.º 42, AEM.HELII (AEM(ili)HELI), Roma (C XV, 3394 a, b: AEMHEL, AEM.HE), Narbonne (C XII, 22: AEM.HEL), Antas (C II, supp. 6254,2: AEMHEL), Torre de Ares (C II, supp. 6254,3: AEM.HELII), Hispânico; BELTRAN, n.º 10, pág. 117, AEM.HEL AEM(ILI)HELI(?), Torre de Ares, Balsa (Mus. del Algarve, CIL II 6254, 2) e Antas (CIL II, 6254,3), Callender, n.º 42, Roma e Narbonne, Procedência hispânica; A. SANTOS, Arqueologia R. do Algarve, I p. 130 AEMILI (CIL II, 6259,3)

Portimões ou Convento de S. Francisco ¹¹

N.º inv. 15266 A.

Fragmento de tégula, pasta rosada, engobe branco-bege.

Marca impressa em cartela rectangular superficial. Caracteres sumidos, lê-se com dificuldade: IVNIORVM. Letras em relevo. Paralela a esta existe outra cartela idêntica, que foi imperfeitamente cunhada. Letras em relevo, altas e direitas de boa qualidade (figs. 6 e 15). Reverso: estrias de aderência.

Dimensões: comprimento actual: 0,14 m; largura actual: 0,25 m; espessura: 0,02 m.

Cf. CIL, II Suppl. 6256,6 IVNIORVM, PINHOLEAL, pp. 267-268 JUNIORVM, DECHELLETE, I p. 83, oleiro de la Graufesenque IVNI, NUNES RIBEIRO; Represas, II p. 29 IVNIA. SANTOS, Arqueologia R. Algarve, I, p. 130 IVNIORVM

Olhos de S. Bartolomeu de Castro Marim ¹²

Local situado a 200 m de S. Bartolomeu no concelho de Castro Marim.

N.º inv. 14963 A.

Fragmento de tégula (?), pasta rosada, engobe amarelo claro. Reverso: estrias de aderência.

Marca impressa em cartela rectangular incompleta. Só é possível ler com nitidez: NIORVM. Letras em relevo, altas e direitas de boa qualidade (figs. 8 e 15).

Dimensões: comprimento actual: 0,135 m; largura actual: 0,13 m; espessura: 0,03 m.

ÂNFORAS

Quinta de Marim (Olhão)

N.º inv. 15498.

Fragmento indeterminado de ânfora, Beltran forma I (?) em que engloba os números 7-11 de Dressel ¹³. Pasta cor de laranja.

¹¹ Antigo convento medieval onde Estácio da Veiga recolheu tégulas e outros materiais arqueológicos, na margem direita do rio Portimão. Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VII, 1876, pp. 267-268, relata o aparecimento de muitas tégulas (lousas de barro) com que taparam crânios de um cemitério de inumação. Nalgumas das quais lia-se «JUNIORUM».

¹² É duvidosa a procedência. No entanto Estácio da Veiga indica no *Inventário do Museu Archeologico do Algarve*, p. 36 a existência de um tijolo e de uma telha com marca, procedentes desta estação. A marca não foi publicada.

¹³ Beltram Lloris, *Las Anforas Romanas en Espana*, Zaragoza, 1970, p. 148.

Marca impressa, truncada. Cartela rectangular com inscrição incompleta: IVNIOR. Letras em relevo, ligeiramente inclinadas para a frente (fig. 9).

Cf. CIL II Suppl., 6254,24, IVNIOR, NUNES RIBEIRO, REPRESAS II, p. 29. IVN, BELTRAN, (201) p. 148, IVNIOR, Concelho de Olhão, São Bartolomeu de Castro Marim (CIL II, 6254,24)

Quinta das Antas (freguesia da Luz, concelho de Tavira)

N.º inv. 14981.

Asa de ânfora, tipo Almagro 50 (?). Este tipo de ânfora não se integra na tipologia de Dressel nem na de Beltran. O paralelo mais aceitável é provisoriamente o tipo 50 de Almagro (séc. II d.C.)¹⁴, um perfil de asas ligadas directamente a uma boca larga, a que se assemelha este exemplar embora a sua pasta fina, o engobe e outras características não se ajustem à cronologia proposta por Almagro.

Panella refere um perfil idêntico a este encontrado em estratigrafia em Óstia nas termas de Nuotatore, num estrato do segundo quartel do séc. III d.C. que classifica como tipo Almagro 50. Descreve uma forma de ânfora longa e estreita com asa aplicada sobre a orla, e destinada ao transporte de conservas de peixe, segundo Benoit¹⁵.

Sugerimos que se trate de uma forma de ânfora desconhecida, embora morfologicamente seja aparentada com o tipo Almagro 50.

Pasta ocre rosada, engobe ocre.

Marca impressa centrada na parte superior da asa. Cartela que pode representar uma evolução da «planta pedis» ou assumir uma forma fálica (?) com inscrição nítida: PARALI. Letras incisas com contorno mais profundo à direita do que à esquerda, e de muito boa qualidade¹⁶ (figs. 10 e 15).

Cf. CIL, Suppl. 6254,30 PARDALI, CALLENDER, p. 201 (1284), PARDALI (Antas, Spain) (Seg. CIL, II Suppl. 6254,30), BELTRAN, p. 172 n.º 362: PARDALI (Antas) fig. 54, 183, cartela rectangular, A. SANTOS, Arqueologia R. Algarve I, pág. 296, PARDALI, (CIL II Suppl. 6254,2)

Quinta das Antas

N.º inv. 14978.

Parte superior de asa e fragmento de bordo de ânfora do tipo Almagro 50 (?), classificação que empregamos com as mesmas reservas referidas no número anterior. Neste fragmento é mais flagrante a semelhança com o perfil encontrado em Óstia. Pasta ocre rosada no interior, com engobe ocre amarelo.

Marca impressa colocada na parte superior da asa¹⁷. Cartela rectangular onde se lê com nitidez: AEMHEL. Letras em relevo espessas e largas. H e E em nexos (figs. 11 e 15).

Cf. CALLENDER, p. 65 (42) AEM.HEL, Roma AEM HEL, Roma AEM.HE (CIL, XV, 339) Narbonne AEM.HEL (CIL, XII, 22), Antas AEM HEL (CIL, II, 6254,2), Torre de Ares AEMHEL Hispânica; BELTRAN, p. 117 (10) fig. 45 AEM HEL AEM(ILI) HELI(?), Torre de Ares, Balsa (Mus. del Algarbe) CIL II, 6254,2), Antas (CIL II, 6254,3), Procedência Hispânica; A. SANTOS, Arqueologia R. do Algarve, I p. 269 AEM HEL (CIL II Suppl. 6254,3)

¹⁴ Almagro, *Las Necrópolis de Ampurias*, Barcelona, 1955, vol. II, pp. 259 e 302; Beltran, op. cit., p. 540, fig. 220.

¹⁵ Clementina Panella, «Stratigrafie delle Terme Ostiense del Nuotatore», in *Recherches sur les Amphores Romaines*, Rome, 1972, pp. 100-101, fig. 69.

¹⁶ Françoise Mayet, notas manuscritas, 18.10.1976.

¹⁷ F. Mayet, «Notas manuscritas», 18.10.1976

Quinta da Torre de Ares (Freguesia da Luz, concelho de Tavira)

N.º de inv. 14980.

Parte superior de asa e fragmento de bordo de ânfora tipo Almagro 50 (?).

Pasta ocre rosada, engobe ocre.

Marca impressa colocada sobre a parte superior da asa ligeiramente descentrada¹⁸. Cartela rectangular com inscrição AEMHĒL. Letras em relevo, altas e muito unidas. H e E em nexu: AEMHEL. Entre o E e o M três pontos rectangulares ou um I entrecortado? (figs. 12 e 15).

Cf. Ibidem.

Quinta da Torre de Ares

N.º de inv. 14859.

Parte superior de asa de ânfora tipo Almagro 50 (?).

Pasta ocre rosada, engobe ocre.

Marca impressa, colocada obliquamente sobre a parte superior. Cartela rectangular onde se lê: AEMHEL. Letras em relevo irregulares e mal desenhadas¹⁹. H e E em nexu. AEMHEL (figs. 13 e 15).

Cf. Ibidem.

Quinta da Torre de Ares

N.º de inv. 14691.

Parte superior de asa e bordo de ânfora tipo Almagro 50 (?).

Pasta ocre rosada, engobe ocre.

Marca impressa colocada na parte superior em cartela rectangular com inscrição: AEMIHEL. Letras em relevo de má qualidade²⁰. Parece que há um I entre o M e o H. H e E em nexu (figs. 14 e 15).

Cf. Ibidem.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As marcas dos materiais descritos permitem-nos estabelecer uma certa conexão entre eles e emitir a hipótese da existência de três oleiros lusitânicos locais, isto é «algarvios».

1. PARDALI

A marca deste oleiro é uma marca simples em que figura um único elemento: PARDALI, talvez genitivo de PARDALVS que Hübner classificou de cognome²¹.

Este nome aparece com algumas variantes epigráficas. Nas tégulas, as marcas em alguns exemplares já muito apagadas ou mal impressas não permitem uma leitura completa do nome do oleiro. Porém com toda a evidência na tégula n.º 15265 B está impresso o nome PARDALI, e nas n.ºs 15265 C e 15222 lê-se PARHALI.

¹⁸ Idem. Ibidem.

¹⁹ Idem. Ibidem.

²⁰ Idem. Ibidem.

²¹ CIL II, Suppl., «Cognomina Virorum et Mulierum», p. 1089.

A mesma qualidade de pasta aliada ao mesmo tipo de cartela e de letra, capita l quadrada, não deixam margem de dúvida. As cinco tégulas parecem pois ser provenientes da mesma olaria ou centro de fabrico, apesar das variações onomásticas.

Os elementos por enquanto susceptíveis de projectar alguma luz sobre a cronologia são o bom acabamento dos materiais, boa qualidade de pasta revestida de engobe, a cartela e a forma de impressão das letras.

A cartela em «planta pedis», até à data, só é conhecida exclusivamente na cerâmica fina *terra sigillata* itálica ou aretina. É típica do período de Tibério (14-37 d.C.). Segundo Goudineau, por volta de 15 d.C. a cartela rectangular é substituída pelo carimbo em «planta pedis», inovação adoptada por todos os oleiros aretinos, numa fase que considera já de decadência ²².

Não encontra explicação plausível para esta transformação que aparentemente só apresenta inconvenientes. Obrigou a fabricação de carimbos novos, difíceis de manejar, resultando daí impressões ilegíveis (como se verifica nestas tégulas) e reduziu o número de elementos constantes das inscrições, suprimindo nomes de escravos, e complicou a identificação multiplicando as iniciais ou abreviaturas.

Por esta via analógica não chegamos de forma alguma a conclusões definitivas sobre a cronologia.

Estabelecer paralelos entre materiais tão diferentes é bastante delicado e exige muita prudência.

Apenas se pode inferir que a importação e circulação dos produtos de Arezzo, no período de Tibério, com marcas em «planta pedis» foi tão intensa nesta região, e esse facto é real pois são muito frequentes no Sul peças itálicas com esta marca, a ponto de influenciar oleiros locais que produziram imitações deste tipo de cartela em tégulas.

O carimbo de letras em relevo é datado por Keune, segundo Kolling na segunda metade do séc. I d.C. através das investigações que fez sobre as marcas incisas da XXII legião acampada no «limes» renano, e datadas por outros processos. As marcas com letras em relevo só mais tarde aparecem ²³.

Temos dificuldade em associar às peças citadas o nome do oleiro PARALI impresso na asa de ânfora da Quinta das Antas, uma das zonas abrangidas pela cidade lusitano-romana de Balsa, por nos parecer que PARALI não é exactamente o mesmo nome que PARDALI. Pode-se admitir uma variante ou supressão de letra para o nome caber dentro da cartela.

Também o tipo diferente da cartela dificulta a comparação. Embora com esforço possa ser interpretada como uma evolução da «planta pedis», assemelha-se mais a uma forma fálica ²⁴. É a primeira vez que encontramos uma cartela deste tipo em qualquer espécie de cerâmica.

Os símbolos fálicos, vestígios de um antigo culto, estiveram muito em voga, sobretudo no séc. I d.C. Em Pompeios encontram-se fontanários ornados de um «phallus».

No Algarve e em todo o País são muito frequentes os amuletos fálicos. Na Torre de Ares, quinta contígua às Antas, apareceu um amuleto em forma de «phallus» e figa, proveniente de uma sepultura do séc. I. Este símbolo pode pois admitir-se ter inspirado a cartela.

²² C. Goudineau, *La ceramique aretine Lisse*, Tome IV, Paris, 1968, pp. 352-354.

²³ Alfred Kolling, op. cit., p. 82.

J. B. Keune, «Gestempelte römische Ziegel», in *Trier Zeitschr.*, 10, 1935.

²⁴ Conforme sugestão da Dr.^a Maria Maia.

Quanto ao tipo de ânfora embora morfologicamente aparentado com o tipo Almagro 50 do séc. III, inclinamo-nos, tendo em consideração a boa qualidade da pasta, o engobe, a cartela, o tipo de letra e o modo de impressão, a que se possa atribuir ao séc. I d.C. A forma da ânfora pode representar um tipo desconhecido que se repetiu ou continuou até ao séc. III.

Em conclusão, é admissível que as marcas das tégulas e da ânfora se refiram a um mesmo e único oleiro, usando dois tipos de carimbos: um em forma de «planta pedis» com o nome PARDALVS ou PARAHLVVS, outro de forma fálca (?) empregando PARALVS. Talvez a simplificação de PARHALVS pela supressão do H.

Tratando-se do mesmo nome estamos em presença de um oleiro que fabricou tégulas e ânforas talvez para transporte de «garum» ou de conservas de peixe ²⁵, muito provavelmente no séc. I. O facto de ter produzido tégulas parece provar que o oleiro seria local, pois estes materiais nunca eram importados, pelo menos de regiões distantes, dada a facilidade de imitação, a necessidade imediata para os mais variados fins, construção, enterramentos etc., e a inviabilidade económica de importação de uma carga pesada e por isso difícil de transportar. A difusão de PARDALVS é limitada: Portimões e Antas (fig. 16).

2. AEMHEL

Este nome impresso numa tégula e em 4 asas de ânforas é a abreviatura de AEMILIVS HELIVS, respectivamente nome gentilício e cognome ²⁶ do oleiro ou proprietário do domínio rural onde se fabricaram estes materiais. O nome não apresenta variantes, é sensivelmente igual em todos os materiais, excepto nas asas de ânfora n.ºs 14980 e 14691 onde parece existir mais um I — AEIMHEL e AEMIHHEL.

O tipo de letra e cartela é ligeiramente variável. O oleiro usou pelo menos três carimbos, um para tégulas de cunho muito profundo e letras pequenas, e dois distintos para ânforas. As marcas dos números 14980, 14978 têm cartela rectangular quase perfeita, letra alta e larga, e os números 14859 e 14691 cartela rectangular e irregular com letras mais baixas, estreitas, mal desenhadas.

A forma das ânforas aplica-se o que já foi dito a respeito da ânfora das Antas n.º 14981.

As suas características de pasta, engobe e boa letra fazem recuar este tipo de ânforas para uma época mais antiga do que a proposta por Almagro para o tipo 50.

O oleiro lusitânico AEMILIVS HELIVS fabricou tégulas e ânforas destinadas a «garum» ou conservas de peixe num período provavelmente entre o séc. I e II. Os seus produtos difundiram-se por Roma, Narbonne, Antas, Torre de Ares e Portimões (fig. 16).

3. IVNIORVM

A marca associada IVNIORVM é o genitivo plural de IVNIVS nome gentilício ²⁷. O facto de este nome estar no plural indica-nos que os IVNII constituíram uma firma comercial associada de pais e filhos ou irmãos ²⁸, fabricantes de tégulas.

²⁵ No local onde apareceu esta ânfora, a quinta das Antas, sede de Balsa, existiu um importante estabelecimento de salga de peixe. Panella, informa que o tipo de ânfora que mais se assemelha com este das Antas forma Almagro 50, encontrado em Óstia, em estratigrafia, era destinado ao transporte de conservas de peixe.

²⁶ CIL II, Suppl. «Nomina Virorum et Mulierum», p. 1084.

²⁷ Ibidem, p. 1065.

²⁸ Beltram, op. cit., p. 102.

As tégulas assinadas com este nome são idênticas quanto ao tipo de pasta, de engobe, e de marca. A cartela é igualmente rectangular em ambos os fragmentos e as letras em relevo têm uma semelhança notável. Uma das marcas está incompleta, mas não restam dúvidas que a zona de fractura corresponderia ao início da inscrição IVN..., sendo ainda legível a última haste ascendente do N.

A estas marcas associamos ainda, com carácter muito hipotético, a marca de uma ânfora classificada com reservas Beltran forma I, com a inscrição fragmentada IVNIOR. A cartela é semelhante à das tégulas, as letras são porém de tipo diferente, assemelham-se ao cursivo. O nome incompleto é o mesmo que figura nos materiais citados, numa forma abreviada.

Estaremos em presença pois de uma firma comercial e não de uma pequena oficina produtora de tégulas e talvez de ânforas (?). Por enquanto não dispomos de elementos suficientemente seguros para propor uma cronologia mesmo provisória.

Esta firma difundiu os seus produtos em Portimões, Quinta de Marim, Olhos de S. Bartolomeu de Castro Marim (?) (fig. 16).

Até à data não são conhecidas as olarias ou fábricas onde laboraram estes oleiros. Seria da maior importância localizarem-se, o que esclareceria muitos pontos obscuros do fabrico da cerâmica local durante o período romano.

Os poucos fornos conhecidos no Algarve são o dos Olhos de S. Bartolomeu de Castro Marim, escavado em 1896 por Leite de Vasconcelos ²⁹, e novamente entulhado, e o forno do Murtinhal no extremo ocidental, reconhecido mas não explorado, em cuja praia Estácio da Veiga encontrou centenas de fragmentos de materiais de construção e de ânforas ³⁰.

Em 1969 foram descobertos mais dois fornos romanos em Alfanxia, concelho de Olhão. Nas proximidades destes fornos encontraram-se em grande abundância fragmentos de tijolos, tégulas, imbrices, dólios ânforas e lucernas ³¹. Uma asa de ânfora colhida nessa área tem a marca — DASIM VSTELI.

Admitimos que o Algarve no período romano foi um grande centro produtor de cerâmica com pequenas oficinas artesanais e algumas autênticas fábricas cuja localização é ainda hoje desconhecida. Nessas olarias fabricaram-se tégulas e imbrices, ânforas e possivelmente cerâmica comum de diversos tipos.

As tégulas e outros materiais idênticos restringiram-se a um consumo local, para ocorrer às necessidades das numerosas construções romanas, patentes em todos os povoados que se fundaram ou desenvolveram na costa algarvia.

As ânforas alimentaram um largo comércio exterior, difundiram-se pelo mundo romano, atingindo Roma e a Gália do Sul, certamente com os produtos das salgas de peixe fabricados nos vários estabelecimentos de salga disseminados ao longo de toda a costa algarvia desde a praia da Salema até à quinta do Muro, cuja produção não justificaria apenas um consumo local.

²⁹ «Olaria luso-romana de S. Bartolomeu de Castro-Marim», in *O Arch. Port.*, Lisboa, 1898, vol. IV, p. 321.

³⁰ Estacio da Veiga, «Antiguidades M. do Algarve», in *O Arch. Port.*, vol. XV, Lisboa, 1910, p. 211.

³¹ José Fernandes Mascarenhas, *Fornos de Cerâmica e Outros Vestígios Romanos do Algarve*, 1974, pp. 11-12, figs. 2 e 3.

Resumé

L'auteur étudie un groupe de marques de potier empreintes en tuilles et anses d'amphores de l'époque romaine, procedent du midi de Portugal (Algarve), dont les inscriptions ont été déjà publiées par Hübner, aujourd'oui conservées au Musée National d'Archeologie et Etnologie de Lisbonne.

On arrive à la conclusion de l'hipothèse de l'existence de trois potier locales, fabricants de tuilles et d'amphores, dans ce contrée lointain de l'empire romain, le Cyneticun, et on établie sa diffusion, par le moment, limitée.

NOTA: Agradecemos às nossas colegas Dr.^a M.^a Adelaide Maia, as sugestões e o apoio que nos prestou, e Dr.^a M.^a Luísa Abreu Nunes, os desenhos das marcas de oleiro das tégulas que amavelmente fez.



Fig. 1 - Portimões. Fragmento de tégula com marca impressa. Reverso grafitado. (Foto Novais)

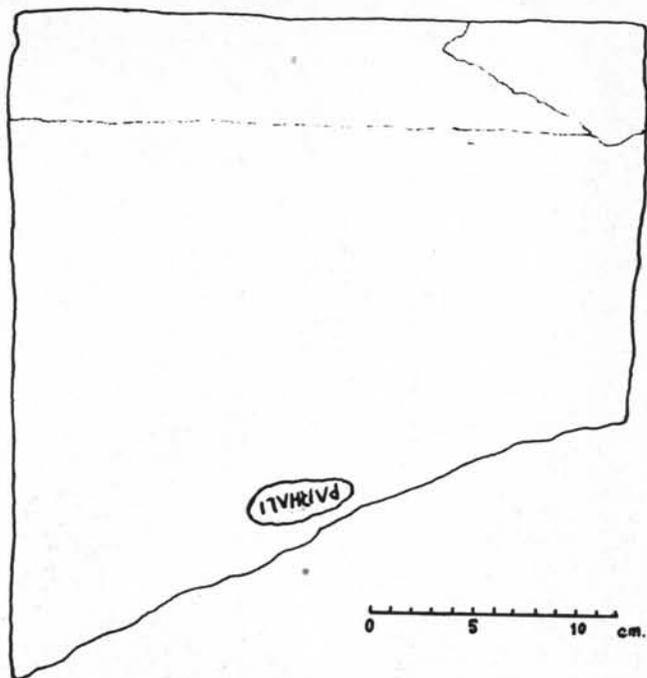
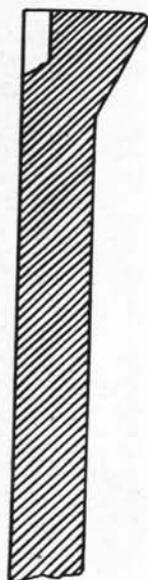


Fig. 2 - Portimões. Fragmento de tégula com marca impressa. (Foto Novais, desenho de Dario de Sousa)

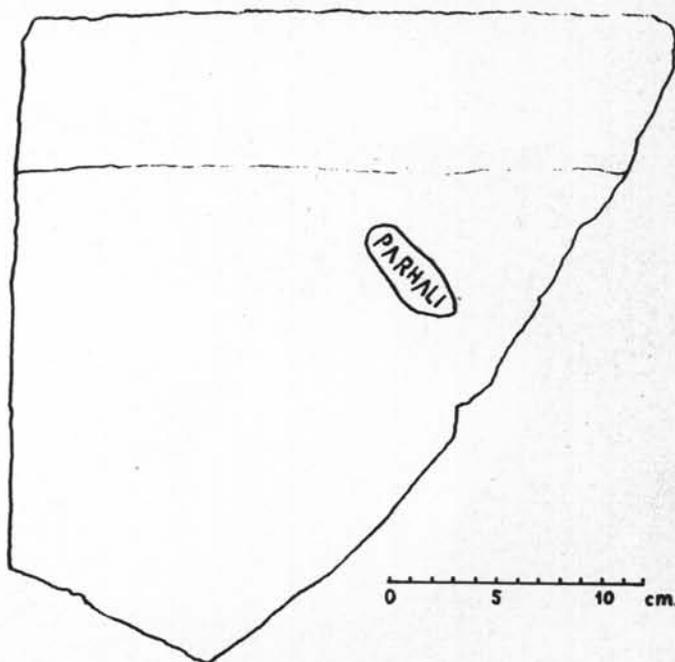
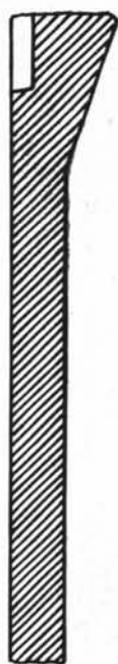


Fig. 3 - Portimões. Fragmento de tégula com marca impressa. (Foto Novais, desenho de Dario de Sousa)

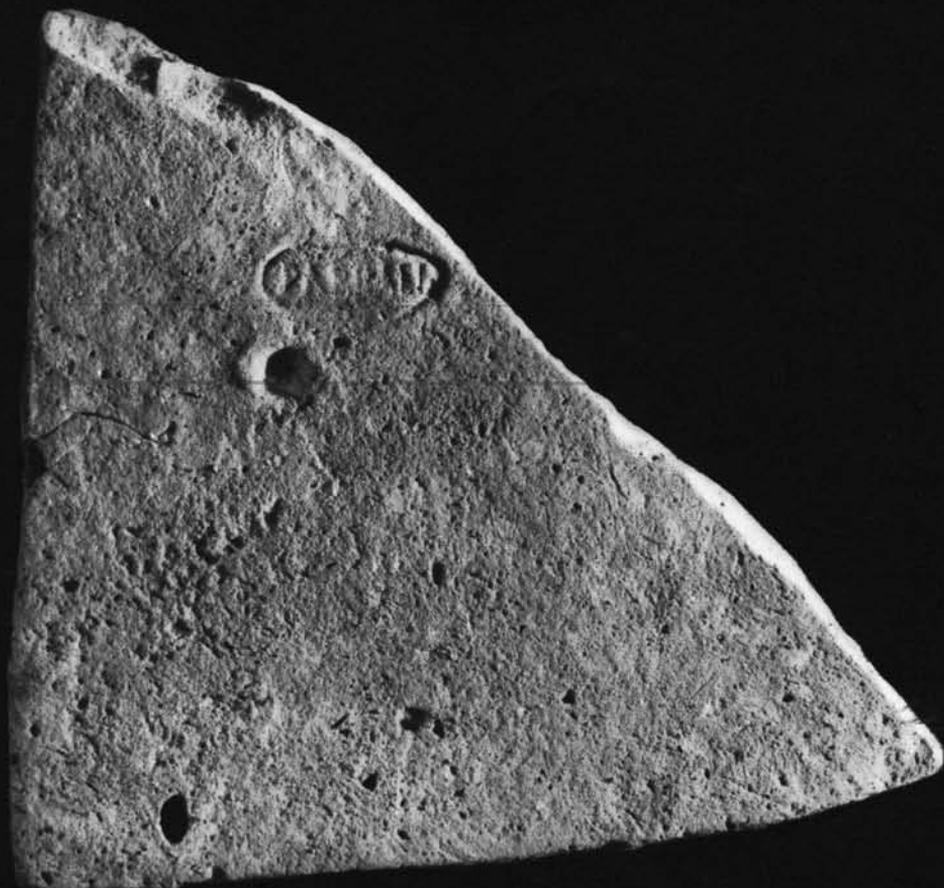


Fig. 4 - Portimões. Fragmento de tégula, com marca impressa. (Foto Novais)



Fig. 5 - Portimões. Pequeno fragmento de tégula, com marca impressa. (Foto Novais)

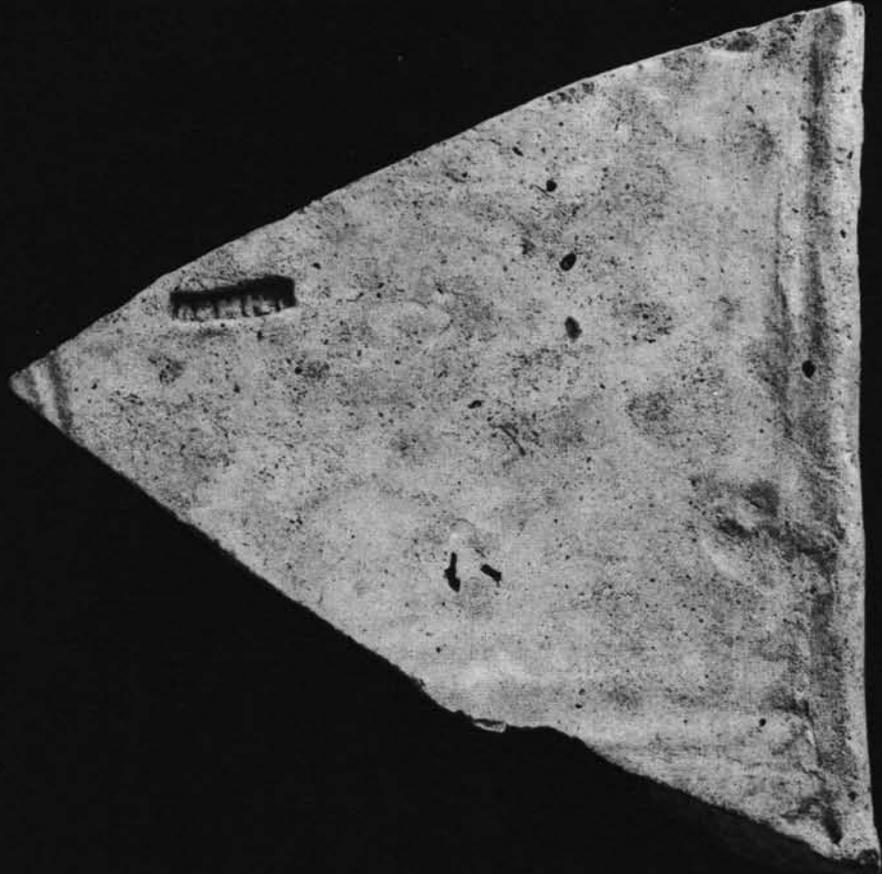


Fig. 6 - Portimões. Fragmentos de tégula com marca impressa. (Foto Novais)



Fig. 7 - Portimões. Fragmento de tégula, com duas marcas impressas. (Foto Novais)

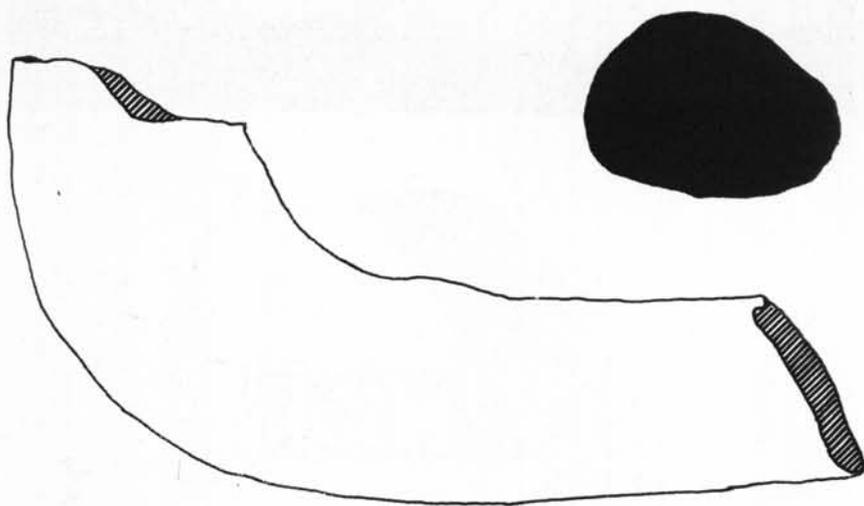


Fig. 8 - Olhos de S. Bartolomeu de Castro Marim (?). Fragmento de tégula com marca impressa. (Foto Novais)



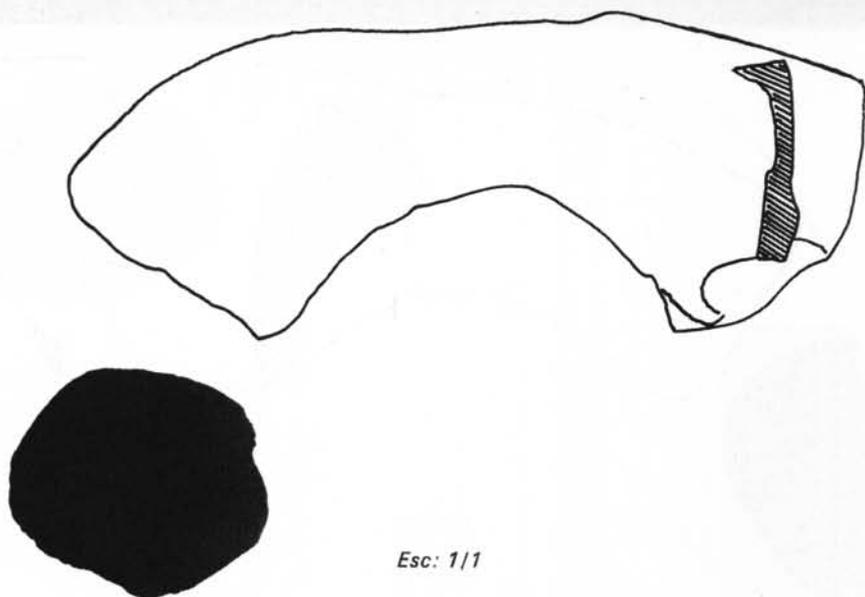
Esc: 1/1

Fig. 9 - Quinta de Marim. Fragmento de ânfora, Beltram forma I (?) com marca impressa



Esc: 1/1

Fig. 10 - Quinta das Antas. Asa de ânfora tipo Almagro 50 (?) com marca impressa (Foto Novais)



Esc: 1/1

Fig. 11 - Quinta das Antas. Asa e bordo de ânfora, tipo Almagro (?) com marca impressa.
(Foto Novais)

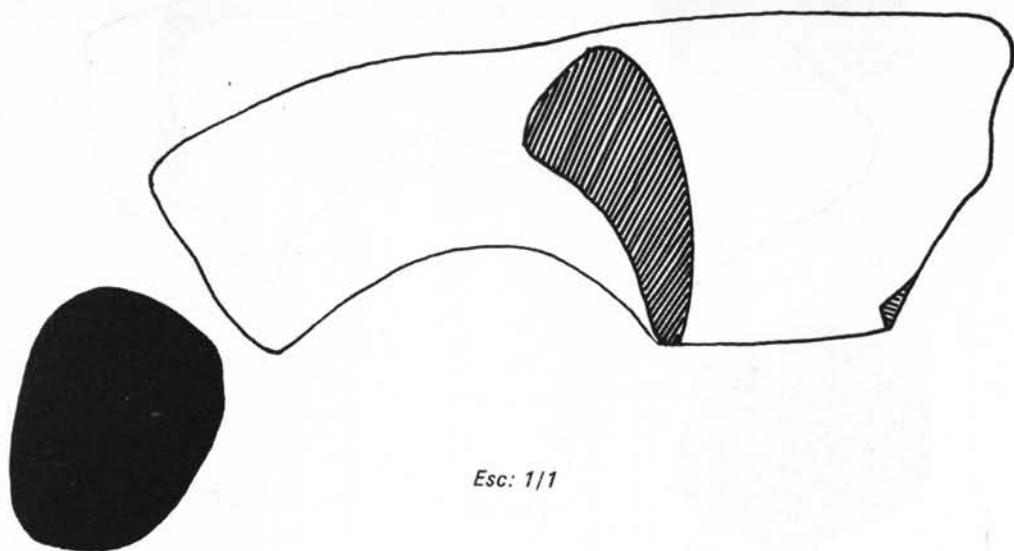
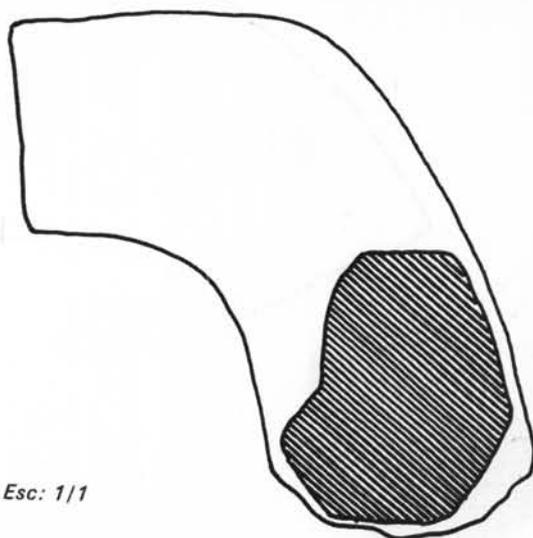
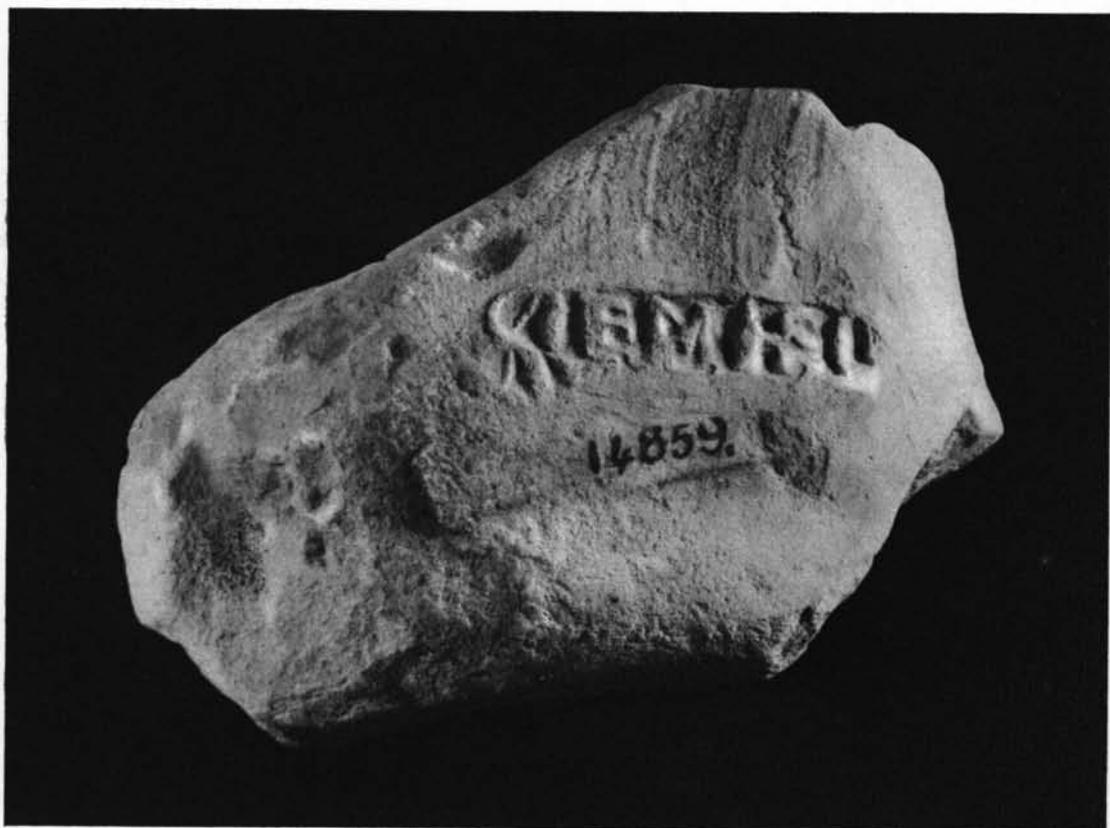


Fig. 12 - Quinta da Torre de Ares. Asa e bordo de ânfora, tipo Almagro 50 (?) com marca impressa. (Foto Novais)



Esc: 1/1

Fig. 13 - Quinta da Torre de Ares. Asa de ânfora, tipo Almagro 50 (?) com marca impressa.
(Foto Novais)

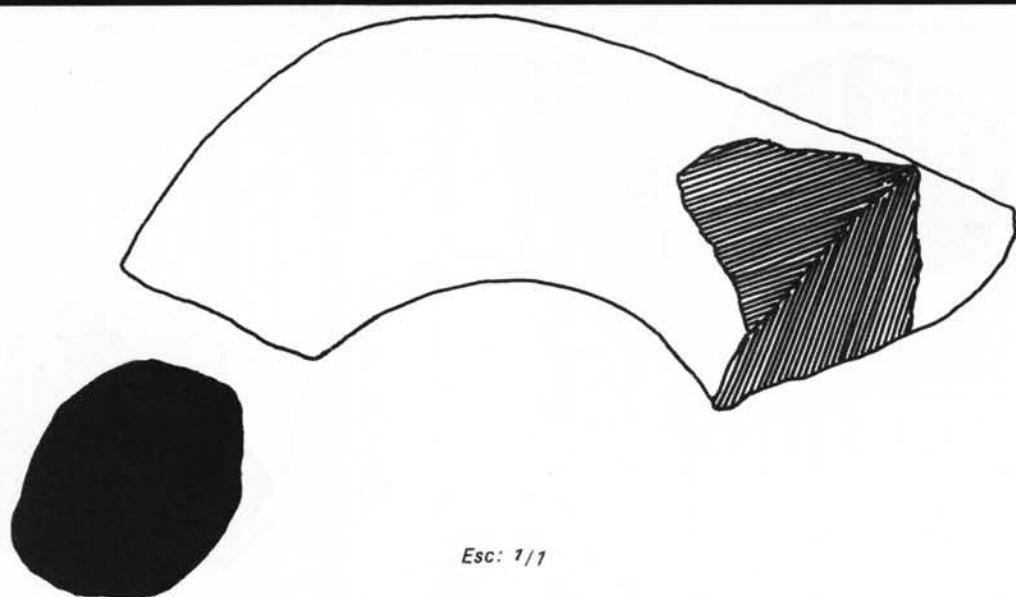


Fig. 14 - Quinta da Torre de Ares. Asa e bordo de ânfora, tipo Almagro 50 (?) com marca impressa. (Foto Novais)

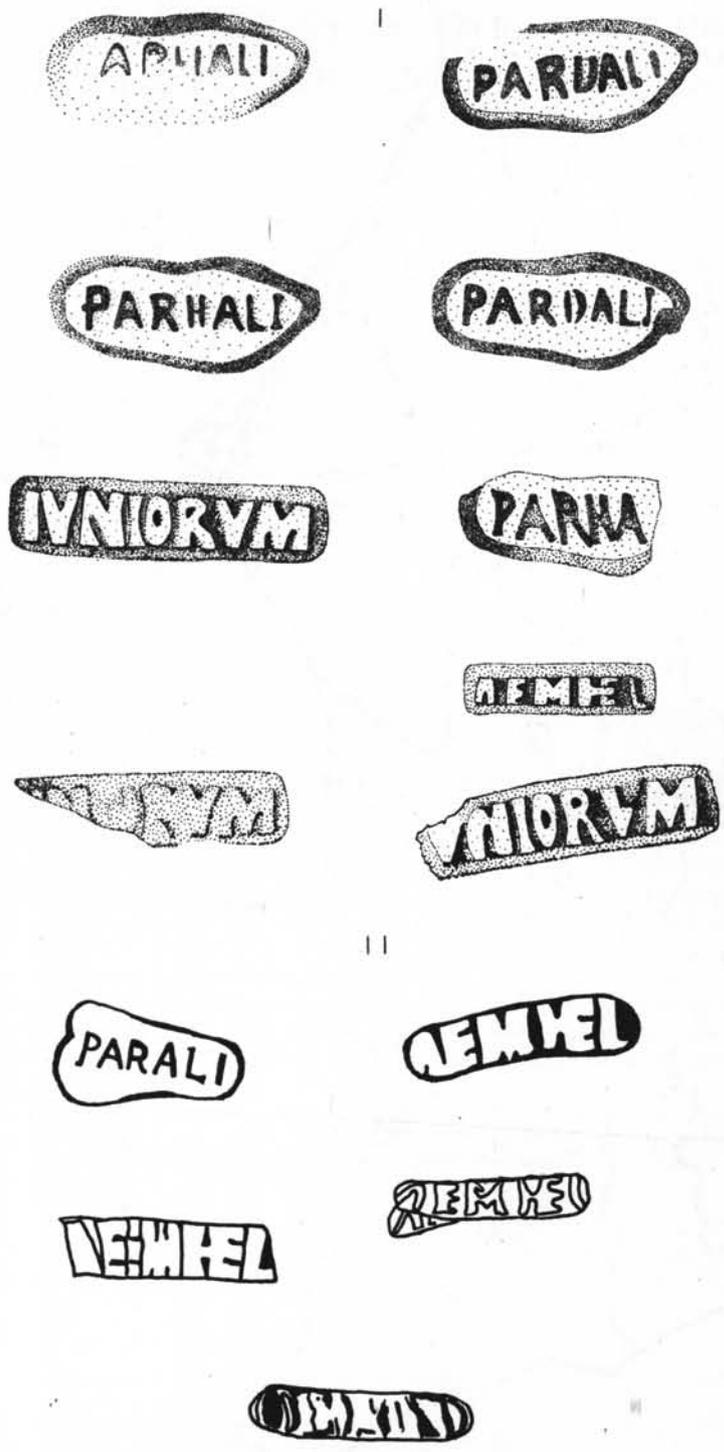


Fig. 15 - Marcas de oleiro, I tégulas, II ânforas (Desenhos-tégulas, de Maria Luísa Abreu Nunes)

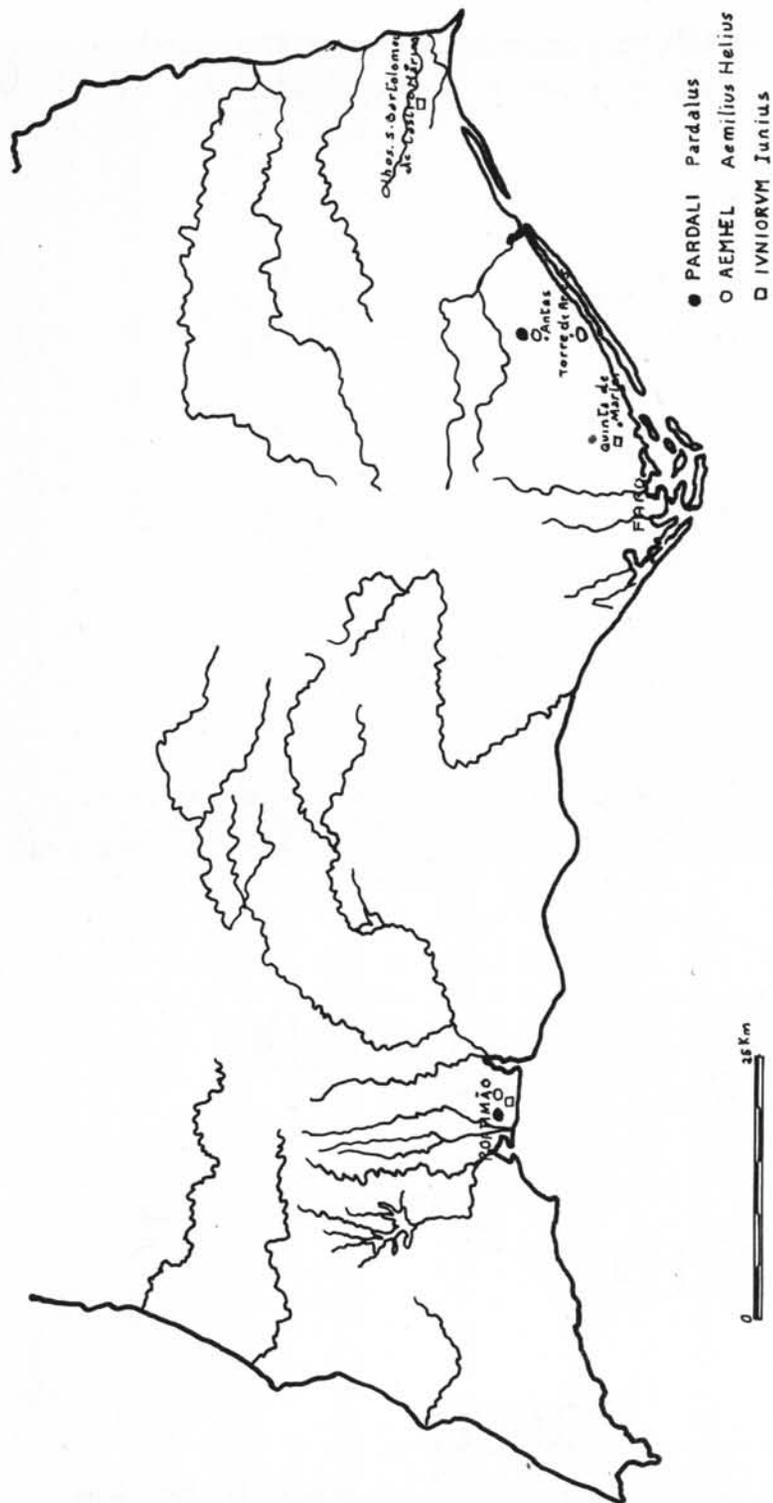


Fig. 16 - Localização das marcas de oleiro das tégulas e ânforas encontradas no Algarve